



UFOP

Universidade Federal
de Ouro Preto

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO

CEAD

**Curso de Pós Graduação Lato Sensu Educação para as Relações
Étnico- Raciais**

**SEQUÊNCIA DIDÁTICA SOBRE UMA AULA DE MITOS E
MITOLOGIA INDÍGENA**

VERA SALES DE SOUZA

Ouro Preto – MG

2023



UFOP

Universidade Federal
de Ouro Preto

VERA SALES DE SOUZA

Sequência didática sobre uma aula de mitos e mitologia indígena

Trabalho apresentado à Universidade Federal de Ouro Preto, na Pós Graduação Lato Sensu em Educação para as Relações Étnico- Raciais sob orientação da professora Verônica Mendes Pereira, para efeito de conclusão de curso.

Orientadora: Verônica Mendes Pereira

Ouro Preto

2023

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

S729s Souza, Vera Sales De.
Sequência Didática Sobre Uma Aula de Mitos e Mitologia Indígena.
[manuscrito] / Vera Sales De Souza. - 2023.
23 f.

Orientadora: Profa. Dra. Verônica Mendes Pereira.
Produção Científica (Especialização). Universidade Federal de Ouro
Preto. Departamento de Educação e Tecnologia.

1. Ambiente escolar. 2. Indígenas na cultura popular. 3. Pluralismo
cultural. 4. Programas de ação afirmativa. I. Pereira, Verônica Mendes. II.
Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 39(81=082)

Bibliotecário(a) Responsável: Essevalter De Sousa - Bibliotecário Coordenador
CBICSA/SISBIN/UFOP-CRB6a1407



FOLHA DE APROVAÇÃO

Vera Sales de Souza

Sequência Didática Sobre Uma Aula de Mitos e Mitologia Indígena

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Pós Graduação Lato Sensu em Educação das Relações Étnico Raciais: História e Cultura Afrobrasileira e Indígena da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Especialista

Aprovada em 30 de maio de 2023.

Membros da banca

Profa. Dra. Verônica Mendes

Pereira - Orientadora - Universidade Federal de Ouro Preto

Prof. Dr. Adilson Pereira dos Santos - Universidade Federal de Ouro Preto

Profa. Dra. Juliana Ventura de Souza Fernandes - Instituto Federal de Educação de Minas Gerais

Profa. Dra. Verônica Mendes Pereira, orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 26/09/2023



Documento assinado eletronicamente por **Veronica Mendes Pereira, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 07/11/2023, às 21:46, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site

http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?

[acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0](#), informando o código verificador **0595436** e o código CRC **39DAAD6B**.

RESUMO

Com a promulgação da Lei 11645, o ensino da cultura indígena passou a ser obrigatório nas escolas para que os alunos tivessem um contato maior e mais adequado a respeito da mesma. É necessário ressaltar que esta lei reforça a ideia da diversidade cultural e étnica do Brasil, sendo que a cultura brasileira é composta por vários grupos étnicos, que configuram diferentes culturas. A escola ao trabalhar aspectos da cultura indígena proporcionará um ensino que contribuirá para a formação de cidadãos críticos, possibilitando o reconhecimento das diferenças socioculturais existentes no Brasil e o reconhecimento dos direitos da sociodiversidade dos povos originários. Segundo (SILVA, 1995), há ainda no imaginário popular a visão do indígena genérico, primitivo, inocente e incapaz. O Trabalho proposto contribui de forma significativa para desconstruir esta concepção através do estudo dos mitos e de aspectos da cultura indígena com os alunos, pois além de tocar o imaginário dos alunos, demonstra que todos os povos são iguais enquanto seres humanos, dotados de inteligência, sensibilidade, criatividade, porém diferentes na maneira de se relacionar e conceber o mundo.

Palavras-Chaves: Cultura indígena, Ações Afirmativas, Diversidade Cultural, Cultura Escolar.

ABSTRACT

With the enactment of Law 11,645, the teaching of indigenous culture became mandatory in schools so that students have greater and more appropriate contact with it. It is necessary to emphasize that this law reinforces the idea of Brazil's cultural and ethnic diversity, given that Brazilian culture is made of several ethnic groups, which configure different cultures. The school, when working on aspects of indigenous culture, will provide teaching that will contribute to the formation of critical citizens, enabling the recognition of the sociocultural differences that exist in Brazil and the recognition of the sociodiversity rights of original peoples. According to (SILVA, 1995), the vision of the generic, primitive, innocent and incapable indigenous person still does not exist in the popular imagination. The proposed work contributes significantly to deconstructing this conception through the study of myths and aspects of indigenous culture with students, and in addition to touching the students' imagination, it demonstrates that all peoples are equal as human beings, endowed with intelligence, sensitivity, creativity, but different in the way of relating and conceiving the world.

Keyword: Indigenous Culture, Affirmative Actions, Cultural Diversity, School Culture.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
OBJETIVOS DA AULA	4
PÚBLICO ALVO.....	4
1- DESENVOLVIMENTO	4
1.1 APRESENTAÇÃO DO TÍTULO E DOS OBJETIVOS DESTA SEQUÊNCIA DIDÁTICA PARA A TURMA	4
1.2 DISCUTIR OS CONCEITOS DE MITO, MITOLOGIA E LENDAS COM OS ALUNOS	5
1.3 CONHECER A DIVERSIDADE DOS POVOS INDÍGENAS POR MEIO DE SEUS MITOS DE CRIAÇÃO	7
1.4 PERCEBER AS SEMELHANÇAS E AS DIFERENÇAS ENTRE OS MITOS APRESENTADOS	8
1.5 CORRELACIONAR O MITO DE CRIAÇÃO COM A CARTA DO CHEFE SEATTLE	9
1.6 ELABORAÇÃO DE UM MITO DE CRIAÇÃO- AVALIAÇÃO	10
2- MATERIAIS E RECURSOS UTILIZADOS	10
2.1 MATERIAIS COMPLEMENTARES	11
3- CONSIDERAÇÕES FINAIS	13
4- ANEXOS	16
4.1 CARTA DO CHEFE SEATTLE	16
4.2 MITO DE CRIAÇÃO GUARANI	17
4.3 MITO DE CRIAÇÃO XAVATE	18
4.4 MITO DE CRIAÇÃO DO MUNDO DA TRIBO “IBATI” POR LAVÍNIA LEBERECHT BAUER	19
4.5 MITO DO FOGO E DAS TREVAS POR STÉFANY GUIMARARÃES DA SILVA	21

INTRODUÇÃO

Onde estão os índios? Assim, com esta pergunta genérica, comecei o plano de ensino sobre mitologia indígena com os meus alunos dos sextos e sétimos anos da escola em que trabalho. Muitos deles responderam que não sabem. Outros, de forma sucinta, responderam que estão no mato ou na floresta. Isto é o reflexo do que pensa a imensa maioria da população brasileira. O pouco conhecimento está associado basicamente à imagem do indígena tradicionalmente veiculada pela mídia: um ‘índio genérico’, com biotipo formado por características correspondentes aos indivíduos de povos habitantes da Região Amazônica e do Xingu: cabelos lisos, pinturas corporais e abundantes adereços de penas, nus, moradores das florestas, de culturas exóticas, falantes de uma língua estranha. Também são chamados de ‘tribos’ na perspectiva etnocêntrica e evolucionista de uma suposta hierarquia de raças pela qual os índios ocupariam obviamente o último degrau. São ainda imortalizados pela literatura romântica produzida no século XIX, como nos livros de José de Alencar, onde são apresentados índios belos e ingênuos, ou valentes guerreiros e ameaçadores canibais. Ou seja, bárbaros, bons selvagens ou heróis. No âmbito da escola/educação formal, em seus vários níveis, pode-se constatar também muita ignorância que resulta em distorções a respeito dos indígenas

Mas essas visões sobre os indígenas vêm mudando nos últimos anos, em razão da visibilidade política conquistada por eles. As mobilizações dos povos indígenas em torno dos debates para a elaboração da Constituição de 1988 e as conquistas dos direitos indígenas fixados na lei maior do país possibilitaram a garantia dos direitos (demarcação das terras, saúde e educação diferenciadas e específicas etc.), para que a sociedade em geral redescobrisse os indígenas.

Apesar de ainda engatinharmos em prol de políticas públicas de promoção pela igualdade étnico-racial, houve uma mudança significativa com as Leis 10.639/2003 e 11.645/2008 que incluiu a história e a cultura afro-brasileira e indígena nos currículos da educação básica brasileira, com o objetivo de diminuir a desigualdade social, além de minimizar a desigualdade racial dentro das instituições de ensino, considerando que as essas instituições são recintos privilegiados onde se objetiva a busca pelo conhecimento e pela evolução intelectual e comportamental.

Salientando que a Lei de Diretrizes e Bases da educação nacional é a constituição da educação, ou seja, promulgada as supramencionadas leis não são facultativas sua implementação e sim uma obrigação em toda e qualquer escola brasileira, pública ou

privada, em toda a vida escolar, em particular nas disciplinas de Educação Artística, Literatura e obviamente na matéria de História, contribuindo assim para a representatividade e a valorização dos negros e dos índios em nossa sociedade, construindo uma escola como espaço democrático e acolhedor à diversidade e nos espaços socioeducativos. A partir da promulgação destas leis no Brasil, que tornou obrigatório o ensino de História e Cultura Indígena nos currículos escolares no Brasil, ainda que careça de definições mais completas, possibilitará a superação dessa lacuna na formação escolar. Contribuirá para o reconhecimento e a inclusão das diferenças étnicas dos povos indígenas, buscando pensar um novo desenho do Brasil em sua sociodiversidade.

Os processos de reconhecimento e valorização da diversidade nas instituições educacionais não têm sido uma tarefa fácil, pois, para que estes ocorram é necessária uma série de mecanismos que possibilitem críticas ao próprio colonialismo que permeia a sociedade brasileira em várias esferas. Para isto é necessária uma abordagem decolonial em nossa prática de ensino. Essa tentativa de enfrentar os resquícios da colonização foi empreendida especialmente pelo debate decolonial que busca uma renovação crítica das Ciências Sociais na América Latina no século XXI. O chamado “giro decolonial” baseia-se na ideia de um movimento de resistência teórico e prático, político e epistemológico, à lógica da Modernidade / Colonialidade (BALLESTRIN, 2013).

A colonialidade é entendida como a herança cultural da colonização, sendo classificada em três tipos: do poder, do saber e do ser. A primeira, segundo Aníbal Quijano, demonstra que as relações de colonialidade nas esferas econômica e política não desapareceram com o fim do colonialismo, pois ainda hoje é vista como um processo fundamental de estruturação do sistema-mundo moderno colonial, que articula as regiões periféricas da divisão internacional do trabalho com a hierarquia étnico-racial global. No que diz respeito ao “saber”, podemos também identificar aspectos da colonialidade, uma vez que desde o período colonial há uma invenção do outro, do colonizado, sendo este outro visto de modo inferiorizado. Ou seja, foi construído historicamente um ponto de partida de observação, científico e supostamente neutro, (GÓMEZ, 2005), mas que na verdade traduz um olhar eurocêntrico ou colonizador. Tal questão pode ser visualizada na própria teoria do currículo, onde são visíveis as marcas da colonialidade na distribuição desigual de conhecimento relativa as culturas silenciadas e negadas. O “ser” também possui um olhar colonizado, pois somos marcados subjetivamente pela colonialidade tanto individual como coletiva, e mostra-se também ser um processo que afeta a própria formação de identidades, visto que o colonialismo impôs a internalização de associações relacionadas à

raça, como o “branco” ser relacionado à um maior desenvolvimento cognitivo e de maior aceitação social (MIGNOLO, 2010). Tais aspectos da colonialidade, em especial o saber e o ser, podem ser facilmente percebidos no ambiente educacional por meio da colonização do currículo, mas também devido à visão negativa sobre as políticas culturais e a dificuldade de reconhecimento da afrodescendência e da herança indígena.

Os processos de reconhecimento e valorização da diversidade nas instituições educacionais não têm sido uma tarefa fácil, pois, para que estes ocorram é necessária uma série de mecanismos que possibilitem uma “descolonização do saber” por meio dos currículos escolares, bem como a “descolonização do ser” por meio de um processo de formação permanente. É necessário, portanto, que os professores que atuam na Educação Básica, estejam em um constante processo de atualização para que, através deste processo possam conhecer, reconhecer e trabalhar temáticas relacionadas a diversos grupos sociais e étnicos que compõem a nossa sociedade. Esta formação contribuirá para a ampliação das percepções destes professores acerca da educação e diversidade, transformando uma visão às vezes limitada e reducionista em uma concepção mais alargada de educação (GOMES, 2012).

Na nossa sociedade a escola tem papel privilegiado na formação humana, buscando responder às demandas sociais. Ainda que se levem em conta as dificuldades e os desafios presentes nos processos de ensino-aprendizagem, no fazer pedagógico, a escola é um locus onde a efetivação da lei possibilitará viabilizar espaços que favoreçam o reconhecimento da diversidade e uma convivência respeitosa baseada no diálogo entre os diferentes atores sociopolíticos, oportunizando igualmente o acesso e a socialização dos múltiplos saberes.

Assim, a escola ao trabalhar aspectos da cultura indígena proporcionará um ensino que contribuirá para a formação de cidadãos críticos, possibilitando o reconhecimento das diferenças socioculturais existentes no Brasil e o reconhecimento dos direitos da sociodiversidade dos povos originários.

Por esta perspectiva, a atual situação social e política no país e no mundo marcada por inúmeros problemas como guerras, violências, tragédias, doenças, intolerância política e religiosa, a proposta de uma reflexão sobre os povos indígenas e sobre seus mitos e concepções de mundo (e seu modo de interagir com a natureza) podem nos trazer sadios questionamentos sobre nossa própria identidade.

Este trabalho é uma sugestão de atividade simples executada a partir de um plano de ensino que, a partir do exemplo específico dos mitos e do cosmos, possa auxiliar na

conscientização de alguns valores culturais indígenas que estão à margem da formação cultural brasileira. Trabalho significativo, principalmente na atualidade em que o indígena é frequentemente visto como um sinal de atraso ou mesmo um entrave para interesses econômicos privados.

OBJETIVOS DA AULA

Compreender os conceitos de mito, lenda e mitologia.

- * Conhecer a diversidade dos povos indígenas por meio de seus mitos de criação.
- * Perceber as semelhanças e as diferenças entre os mitos apresentados.
- * Correlacionar o mito de criação com a carta do chefe Seattle.
- * Elaborar um mito
- * Avaliação

PÚBLICO-ALVO

Alunos do sexto e sétimos anos do ensino fundamental. São alunos da Escola Municipal Professora Juventina Drummond localizada na cidade de Ouro Preto. Esta escola está situada no Morro Santana, bairro cravado nas íngremes encostas de Ouro Preto. A escola tem uma das mais belas vistas da cidade para o Pico do Itacolumi, um dos cartões postais mais famosos da cidade. Itacolumi é uma palavra de origem tupi-guarani que significa "pedra que pode ser quebrada".

A presença indígena na região de Ouro Preto remonta a milhares de anos atrás, quando povos pré-históricos habitavam a área. No entanto, os registros históricos mais concretos datam do período colonial, quando as populações indígenas foram submetidas ao domínio dos colonizadores.

Durante o período das expedições bandeirantes, essas populações foram escravizadas e atingidas por doenças trazidas pelos colonizadores. Muitas tribos foram dizimadas e outras se deslocaram para outras áreas do país, fugindo da violência e da exploração.

Apesar disso, a presença indígena continua na região de Ouro Preto até os dias de hoje. Existe atualmente, algumas comunidades indígenas no entorno da cidade, que lutam por seus direitos e valorizam sua cultura e tradições. É o caso por exemplo, do cacique Danilo Borum Kren, que foi reconhecido como liderança indígena em 2022 pelo Conselho Municipal de Igualdade Racial (COMPIR/ OP). Segundo ele, suas tataravós habitavam lugares cujos limites seriam hoje as Serras do Capanema, Batatás, Itacolumi, Caraça e de Ouro Branco, nos vales do alto rio das Velhas, alto rio Paraopeba e alto rio Doce, cujos locais principais de referência são Bocaina, Leite, Amarantina, Cachoeira do Campo, Maracujá, Acurui, Casa Branca, São Julião, São Gonçalo do Bação, Timbopeba, Antônio Pereira, Santa Rita de Ouro Preto, Soledade, Itatiaia e Mata dos Palmitos. Portanto, a presença indígena na região de Ouro Preto é uma parte importante da história e cultura local, e deve ser valorizada e respeitada.

1- DESENVOLVIMENTO

1.1- Apresentação do título e dos objetivos desta sequência didática para a turma.

Esrevi no quadro o título da aula e li o objetivo da aula para a turma. É muito importante começar com a apresentação do objetivo para que os estudantes entendam o que farão e compreendam aonde se quer chegar no fim da aula. Contudo, tomei cuidado para, ao fazer isso, não antecipar respostas desde o começo. É necessário sempre garantir que os alunos construam o raciocínio por conta própria.

1.2- Discutir os conceitos de mito, mitologia e lenda com os alunos.

Escrevi as palavras mito, mitologia e lenda no quadro e perguntei se os alunos sabiam o seu conceito.

O ser humano foi capaz de transmitir sua imaginação e expressar sentimentos que a razão sozinha não é capaz de explicar, criando narrativas orais ou escritas. Essas histórias são categorizadas em lendas e mitos, respectivamente.

Após esta primeira introdução, apresentei os conceitos dessas palavras. Isto é

extremamente necessário pois é muito comum que os alunos não tenham claro o conceito destas palavras.

Mas afinal o que são lendas e mitos?

- Os Mitos

Os mitos são narrativas fantásticas, geralmente com figuras sobrenaturais como deuses e monstros que eram utilizadas pelos povos antigos para explicar fatos da realidade e fenômenos da natureza que não eram compreendidos por eles. Existem dois tipos de mitos: os mitos cosmogônicos e os mitos de origem.

Geralmente os mitos buscam explicar fenômenos naturais por meio de simbolismos e metáforas. Eles têm o objetivo de responder as incógnitas entre o homem e o universo, com base nessas ideologias o mito caracterizou-se com uma relevância sobre o sagrado, sintetizando o bem e o mal, o certo e o errado em caráter religioso.

Antes o mito era visto como verdade absoluta, mas a seguir pode-se notar que seu sentido mudou e atualmente é visto como fato inverídico, assim afirma Fontes (2013, p. 9):

Originalmente, um mito era entendido como uma verdade absoluta, merecedor de crença profunda e até veneração. Serviam como explicações da origem do homem, do mundo e dos fenômenos da natureza, do desconhecido, do inexplicável. Desde as sociedades humanas primitivas até aos nossos dias, acompanhando a evolução do conhecimento científico, a ideia de mito foi perdendo o seu valor original e passou a ser usado para designar uma história falsa, fantasiosa, inventada, irreal. De alguma forma, o mito perdeu para a História o seu significado de relato verdadeiro, credível e real. Hoje, mito e História são vulgarmente dois conceitos antagônicos.

O mito teve origem na Grécia antiga sendo sinônimo de história, de uma narrativa que traz ensinamentos, e leva aprendizados, podendo ser também algo verídico que aconteceu. Mas, com o tempo, a veracidade do mito perdeu a credibilidade com a dominação dos romanos sobre os gregos, eles não acreditavam nesses mitos e assim o mito acabou por se tornar sinônimo de mentira. O homem moderno se pauta pelo distanciamento com os mitos, isto se explica pelo cientificismo que permeia nossa cultura

Os mitos são histórias sobre um passado bem distante que, ao mesmo tempo, dão sentido à vida no presente, pois explicam como o mundo, os seres e as coisas vieram a ser como

são. São contados e recontados pelos mais velhos aos mais novos. É assim que importantes conhecimentos são transmitidos oralmente de uma geração para outra. Os mitos se relacionam com a vida social, os rituais, a história e o modo de viver e pensar de cada sociedade e, por isso, expressam maneiras diferentes de ver a vida, a morte, o mundo, os seres, o tempo, o espaço, etc.

São parte da tradição de um povo, mas essa tradição sempre se transforma. E como isso acontece? Toda vez que um mito é contado, ele pode ser recriado por quem o conta. As experiências vividas e os acontecimentos considerados importantes no momento da narração podem influenciar o narrador, alterando a história. Por essa razão, os mitos estão sempre se modificando. E é por isso que existem várias versões de um mesmo mito, isto é, há diferentes formas de contar uma mesma história.

- As lendas

As lendas, por outro lado, são relatos ligados à eventos históricos e pessoas da antiguidade. Por isso, possuem base em determinado momento histórico. Geralmente fornecem explicações plausíveis, e até certo ponto aceitáveis, para coisas que não tem explicações científicas comprovadas. Porém, essas históricas são distorcidas ou exageradas, recebendo um ar fantástico. Pelo fato de terem sido repassadas oralmente de geração a geração, sofrem alterações à medida em que vão sendo recontadas. A palavra “lenda” deriva do latim *legenda*, que significa “história” ou coisas para serem lidas”.

- Mitologia

A mitologia é o estudo dos mitos e de seus significados. Essa palavra também é usada para se referir ao conjunto de mitos de uma sociedade, uma religião ou de um tema particular.

Após escrever os conceitos de mito, lenda e mitologia no quadro, fiz novas indagações: *existem mitos indígenas? Será que todos os povos indígenas tem os mesmos mitos?*

Neste ponto esclareci que os povos indígenas, assim como outras sociedades, também transmitem seus conhecimentos e experiências por meio de mitos. Por serem populações que, até pouco tempo, não registravam seus saberes na forma de textos escritos, o principal jeito de transmitir conhecimento era — e ainda é — por meio da fala. É importante dizer também que, além dos mitos, existem outras formas de expressão oral, como os cantos, diálogos cerimoniais e outros tipos de discurso.

Assim como existem muitos grupos indígenas, há também muitas diferenças entre os

seus mitos. Ressaltei que um mito pode ter muitas versões. No Brasil, há mais de 240 povos indígenas, imagine só quantos mitos diferentes existem! Além disso, se pensarmos bem, até mesmo dentro de uma mesma aldeia existem variações.

Os mitos são criações originais e por isso são muito variados. Apesar das diferenças, existem temas comuns aos mitos dos ameríndios, pois durante milhares de anos, conviveram, realizaram trocas, compartilharam experiências e ideias e assim se criou um conjunto de características comuns.

1.3. Conhecer a diversidade dos povos indígenas por meio de seus mitos de criação.

Organizei a sala em duplas. Coordenei os alunos em uma forma que eles puderam se apoiar mutuamente para a realização da atividade. Tentei não expor o objetivo da leitura do texto (perceber a sacralidade da terra e da natureza para o povo duwamish) para que fosse possível garantir a autonomia dos alunos ao longo do desenvolvimento da atividade.

Em seguida, projetei, o trecho da Carta de Seattle, chefe do povo indígena duwamish, escrita em 1855. O texto está disponível no anexo 1.

Dei um tempo para que todos lessem a carta e solicitei para que os alunos anotassem individualmente em seus cadernos o que chamou mais a atenção no texto. Depois, pedi para que as duplas compartilhem suas observações.

A expectativa era que os alunos percebessem a importância da terra para o povo duwamish muito além do sentido material de compra e venda da terra. Por meio de explicações que estão relacionadas à sacralidade e ao sentimento de pertencimento que esta etnia possuía, o chefe Seattle apresentou exemplos comparativos se contrapondo ao excessivo materialismo do “homem branco”. Também é possível que os alunos percebessem a observação de Seattle quando este diz que só existe um Deus para todos os povos, problematizando assim a ideia de superioridade de uma determinada religião sobre outras.

Pedi para que eles procurassem em algum Atlas, no Google Maps ou até mesmo em outros sites da internet onde está localizada a região dos Estados Unidos onde a etnia duwamish possuía seu território.

Para finalizar esta primeira parte, questionei os alunos sobre a relação entre a natureza e a religião para o povo duwamish, e pedi para que eles estabelecessem comparativos com

a relação que a sociedade contemporânea tem com a natureza.

Como houve dificuldade em os alunos alcançar as expectativas desejadas, fiz algumas perguntas norteadoras do tipo:

Qual a importância da terra para o povo indígena duwamish? Existe relação entre a natureza e religião para o povo duwamish? Por meio desta estratégia alternativa, foi possível que os alunos direcionassem a leitura para o alcance do objetivo principal da atividade.

1.4. Perceber as semelhanças e as diferenças entre os mitos apresentados.

Disponibilizei para cada dupla dois textos que tratam dos mitos de criação de dois povos indígenas brasileiros: os guaranis e os xavantes-os textos estão no anexo 2 e 3 respectivamente. Selecionei dois alunos da classe para que lessem, cada um, os dois textos em voz alta.

Antes de começar a leitura, pedi a para o resto da turma atentassem para as diferenças e semelhanças entre os dois mitos que foram apresentados e em seguida fizessem suas observações no caderno.

Pedi que um terceiro aluno se voluntariasse para responder quais são as diferenças e as semelhanças entre os mitos apresentados.

Nesta etapa, os alunos perceberam mais diferenças do que semelhanças, já que os mitos de criação possuem visões diferentes sobre o ocorrido. Estas diferenças podem variar na percepção da existência de um deus único (Tupã) para o caso tupi, e a criação do sol e da lua por crianças para o caso xavante. Isso foi importante para que se construísse o entendimento de que os povos indígenas são plurais e diversos com suas particularidades regionais e culturais.

Foi possível também, que os alunos tentassem estabelecer algum juízo de valor sobre qual mito estava mais próximo da realidade deles, já que o mito de criação do cristianismo se assemelha em parte ao apresentado no texto pelos guaranis. Neste caso, relembrei a carta do chefe Seattle, quando este resgata a ideia de que “o nosso Deus é o mesmo Deus”, em um sentido que valorize a alteridade das percepções de mundo elaboradas pelos diferentes povos da Terra.

Para o caso das semelhanças, a expectativa foi que os alunos percebessem a importância

da natureza na concepção do mundo. Caso isso não ocorresse, selecionei partes dos dois textos que tinham esta relação como: “Quando eles cantavam, o buriti ia aumentando de largura, então ele não conseguia (...) O buriti ouvia” (mito xavante) e “E finalmente, quando o sol desapareceu do outro lado do céu, a pele de Tupã caiu do corpo dele, se estendeu sobre as águas e formou as terras. No dia seguinte, o sol apareceu no céu e percebeu a mudança”(mito guarani). A seguir, reiterei o que estas passagens tinham em comum.

1.5. Correlacionar o mito de criação com a carta do chefe Seattle.

Em seguida, pedi para que os alunos buscassem qual a relação destes mitos de criação com a carta do chefe Seattle. *Se todos estes povos indígenas são diferentes entre si, o que eles têm em comum?* Achei pertinente que eles procurassem em algum atlas, no Google Maps ou até mesmo em outros sites da internet onde estavam localizados o povo xavante e o povo guarani, para que ficasse mais clara as diferenças geográficas que separam estas etnias.

Para o caso dos guaranis, reiterei que existe uma variedade de povos indígenas que possuem esta matriz étnica e cultural que se dividiram em subgrupos ao longo da história, tais como os guarani imbya, guarani kaiowa, nandeva etc.

Foi previsto que os alunos estabelecessem a conexão que estas diversas etnias indígenas possuem com a sacralidade da natureza. Caso isso não ocorresse, seria necessário resgatar as semelhanças dos mitos apresentados com trechos da carta que corroborassem com esta percepção. Entretanto, esta prerrogativa não foi necessária, uma vez que os alunos conseguiram estabelecer a conexão que os guaranis e os xavantes tinham com a terra.

1.6. Elaboração de um mito– Avaliação

Com base no que acompanhei do trabalho das duplas, entreguei uma folha A4 para cada aluno e pedi para eles construírem um mito de criação indígena. Orientei-os a elaborar mitos baseados nas concepções indígenas, localizando a criação de elementos como a Terra, o sol, a lua, os rios, as florestas e os seres humanos.

Dei liberdade para que eles pudessem elaborar a atividade de forma escrita, por meio de desenhos ou quadrinhos.

Reiterei a importância da relação entre religião e natureza para os povos indígenas e pedi para que eles identificassem quem criou a Terra, o sol, a lua, os rios e florestas, até os homens.

O objetivo final desta atividade foi fazer com que os alunos correlacionem a pluralidade das culturas indígenas na América, por meio da elaboração de relatos criacionistas, com a conexão em comum que estes povos possuem como seu espaço territorial e a natureza. Isto se reflete inclusive na preservação do meio em que essas etnias habitam.

Foi importante estar atento para que os alunos não construíssem uma hierarquia sobre qual mito se encontrava mais próximo de uma possível verdade.

Caso isso ocorresse, seria necessário lembrar os alunos da relação de respeito que estas populações possuem com o meio ambiente, e pedir para que eles comparassem com a relação que a nossa sociedade possui.

Durante todo o período de realização desta sequência didática, os alunos participaram de forma bastante ativa e autônoma. Estavam muito entusiasmados, sobretudo com a proposta de avaliação, que foi a elaboração de um mito de criação baseado nas histórias apresentadas para a turma. Para finalizar, expusemos os trabalhos em um lugar visível da sala de aula. Como parte desta etapa do trabalho, transecrevi dois mitos escolhidos dentre os apresentados pelas turmas, para constar nos anexos 4 e 5 respectivamente.

2. Materiais e recursos utilizados:

Projeter multimídia.

Atlas que contemple algum mapa do continente americano.

Folhas A4.

2.1. Materiais complementares:

Carta do chefe Seattle (1855):

Fonte: Seattle (Chefe Índio). Preservação do meio ambiente - manifesto do Chefe Seattle ao presidente dos EUA. São Paulo, Babel Cultural, 1987, 47p.(Trad.Magda Guimarães KhouriCosta.)

Disponível em: <http://www.culturabrasil.org/seattle1.htm>. Acesso em:20/06/2022.

Mito de criação guarani - O sopro deTupã:

Fonte: CLARO, Regina. Encontros de história: do arco-íris à lua, do Brasil à África.São Paulo:Cereja, 2014, p.4.

Mito de criação xavante:

Fonte: Os senhores da criação do mundo xavante. Romhõsiwa. Fundamentos primeiros para uma antropologia espiritual. SHAKER Arthur. São Paulo. 2012,p.55,56.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme a Lei 11645, de 10 de março de 2008, tornou-se obrigatório o ensino da história e da cultura das populações nativas na educação básica brasileira, nas redes de ensino pública e particular, nos seguintes termos:

Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena. § 1º O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil (BRASIL, 2008).

A referida lei foi fruto de muita luta dos movimentos de negros/afrodescendentes e de indígenas, e surgiu com intuito de mudar os conceitos preconceituosos e discriminatórios em relação a esses povos, pois eles reivindicam imagens, pensamentos e atitudes mais condizentes com a realidade a seu respeito. É necessário ressaltar que esta lei reforça a ideia da diversidade cultural e étnica do Brasil, sendo que a cultura brasileira é composta por vários grupos étnicos, que configuram diferentes culturas. De acordo com dados do Censo de 2010, no Brasil há cerca de 240 povos indígenas, com 869.917 pessoas, povos estes distintos entre si, que falam por volta de 180 línguas diferentes.

O Ensino da cultura indígena passou a ser obrigatório nas escolas para que os alunos tivessem um contato maior e mais adequado a respeito da mesma, pois segundo (BERGAMASCHI/GOMES, 2002), muitas vezes a imagem do índio que se construiu na escola é a que permaneceu para o resto da vida, visto ser escasso o contato com a temática indígena em outros períodos da vida. Portanto, há a necessidade de professores que estejam preparados para tratar sobre a temática indígena, superando a invisibilidade histórica desses povos que se estende até o presente, contrariando as previsões pessimistas que perduraram durante boa parte do século XX, que acreditavam no extermínio dos índios, quebrando a visão romantizada a respeito dos mesmos e, principalmente,

aprendendo conhecimentos respeitosos de sua história e cultura, mudando, dessa maneira, a visão preconceituosa e discriminatória para com estes povos.

O trabalho proposto contribuiu de forma significativa para desconstruir a ideia do indígena genérico, primitivo, inocente e incapaz (SILVA, 1995) tão ainda presentes em nosso imaginário e no próprio espaço escolar. Essa desconstrução se deu através do estudo dos mitos e de aspectos da cultura indígena com os alunos, pois além de tocar o imaginário dos alunos, demonstrou que todos os povos são iguais enquanto seres humanos, dotados de inteligência, sensibilidade, criatividade, porém diferentes na maneira de se relacionar e conceber o mundo.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Maria Regina Celestino. Os índios na História do Brasil. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.

BERGAMASCHI, Maria Aparecida, GOMES, Luana Barth. A temática indígena na escola: ensaios de educação intercultural. Currículo sem Fronteiras, v.12, n.1, pp. 53-69, Jan/Abr 2012.

BITTENCOURT, C. F. História das populações indígenas na escola: memórias e esquecimentos. In PEREIRA, A. A.; MONTEIRO, A. M. (Org.). Ensino de História e cultura afro-brasileiras e indígenas. Rio de Janeiro: Pallas, 2013.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN). Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: MEC, 1996.

BRASIL, Lei n. 10.639 – 09 de janeiro de 2003. Brasília: Ministério da Educação, 2003.

BRASIL. Lei n. 11.645, de 10 de março de 2008. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Brasília: Presidência da República, 2008.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília, 1997.

FONTES, Vítor José de Oliveira. O potencial didático dos mitos e das lendas na educação histórica. Porto, 2013.

GOMES, Nilma Lino. Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos. Currículo sem Fronteiras, v. 12, p. 98-109, 2012

GÓMEZ, S. C. La hybris del punto cero: Ciência, raza e ilustración en la Nueva Granada. Bogotá: Pontificia Universidad Javeriana, 2005.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo Brasileiro de 2010. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

JECUPÉ, Kaká Werá. A terra dos mil povos: história indígena brasileira contada por um índio. São Paulo: Editora Peirópolis, 1998.

MIGNOLO, Walter. Desobediência epistêmica: Retórica de la modernidad, lógica de la colonialidad y la gramática de la descolonialidad. Buenos Aires: Ediciones del Signo, 2010.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América latina. A Colonialidade do saber, eurocentrismo e Ciências sociais. Buenos Aires. CLACSO. 2005.

URQUIZA, Antônio H. Aguilera (org.) Conhecendo os povos indígenas no Brasil contemporâneo, módulo 2/Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2010.

SILVA, Aracy Lopes da & GRUPIONI, Luís Donisete Benzi. A temática indígena na escola: novos subsídios para professores de 1º e 2º graus. Brasília: MEC/MARI/UNESCO, 1995.

WITTMANN, L.T. (Org.). Ensino (d)e História Indígena. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

Anexo 1

Carta do chefe Seattle (1855):

Em 1855, o cacique Seattle, da tribo Suquamish, do Estado de Washington, enviou esta carta ao presidente dos Estados Unidos (Francis Pierce), depois de o governo haver dado a entender que pretendia comprar o território ocupado por aquela população indígena. Faz mais de um século e meio, mas o desabafo do cacique tem uma incrível atualidade. A carta:

“O grande chefe de Washington mandou dizer que quer comprar a nossa terra(...). Nós vamos pensar na sua oferta, pois sabemos que se não o fizermos, o homem branco virá com armas e tomará a nossa terra (...). Como pode-se comprar ou vender o céu, o calor da terra? Tal ideia é estranha. Nós não somos donos da pureza do ar ou do brilho da água. Como pode então comprá-los de nós?(...)

Toda esta terra é sagrada para o meu povo. Cada folha reluzente, todas as praias de areia, cada véu de neblina nas florestas escuras, cada clareira e todos os insetos a zumbir são sagrados nas tradições e na crença do meu povo. Sabemos que o homem branco não compreende o nosso modo de viver. Para ele um torrão de terra é igual ao outro. Porque ele é um estranho, que vem de noite e rouba da terra tudo quanto necessita. A terra não é sua irmã, nem sua amiga, e depois de exaurí-la ele vai embora.(...).

Se eu me decidir a aceitar, imporei uma condição: o homem branco deve tratar os animais como se fossem seus irmãos.(...) O que é o homem sem os animais? Se todos os animais acabassem os homens morreriam de solidão espiritual, porque tudo quanto acontece aos animais pode também afetar os homens. Tudo quanto fere a terra, fere também os filhos da terra.(...) De uma coisa sabemos, que o homem branco talvez venha a um dia descobrir: o nosso Deus é o mesmo Deus. Julga, talvez, que pode ser dono Dele da mesma maneira como deseja possuir a nossa terra. Mas não pode. Ele é Deus de todos. E quer bem da mesma maneira ao homem vermelho como ao branco. A terra é amada por Ele.”

Fonte: Seattle (Chefe Índio). Preservação do meio ambiente - manifesto do Chefe Seattle ao presidente dos EUA. São Paulo, Babel Cultural, 1987,47 p. (Trad. Magda Guimarães Khouri Costa.)

Disponível em: <http://www.culturabrasil.org/seattle1.htm>. Acesso em: 20/06/2022.

Anexo 2

Mito de criação guarani

O Sopro de Tupã. No princípio o deus Tupã morava no vazio, numa escuridão sem fim. Primeiro, Tupã criou o céu e as estrelas, onde fez sua morada e abaixo criou as águas.

Depois, Tupã desceu lá de cima, em grande redemoinho. Logo que Tupã tocou as águas, o sol surgiu no arco do céu. Quando o sol chegou ao ponto mais alto, seu calor rachou a pele de Tupã. E finalmente, quando o sol desapareceu do outro lado do céu, a pele de Tupã caiu do corpo dele, se estendeu sobre as águas e formou as terras.

No dia seguinte, o sol apareceu no céu e percebeu a mudança. O sol chegou novamente ao ponto mais alto e Tupã pegou um pouco de barro, amassou e moldou o primeiro Homem. Soprou-lhe o nariz e lhe deu vida. O Homem cresceu e ficou grande como Tupã, mas não falava. O grande deus soprou em sua boca e começou a falar. Então, Tupã soprou na orelha esquerda a inteligência e na orelha direita a sabedoria. Na cabeça do Homem, Tupã desenhou os raios e trovões sagrados que são os de pensamentos. No corpo do Homem, Tupã colocou as águas das emoções e dos desejos que se movimentam para criar ou para destruir.

Por fim, Tupã deu ao Homem o poder de escolher entre criar e destruir. Terminada a criação, Tupã voltou para o céu montado em seu redemoinho.

Fonte: CLARO, Regina. Encontros de história: do arco-íris à lua, do Brasil à África. São Paulo: Cereja, 2014, p.4.

Anexo 3

Mito de criação xavante

Nosso povo antigo se chamava porwaru'rada (...) eles contam que o céu era uma parte só, pouco, o céu não estava completo. Era escuro. Agora eu vou contar como surgiu essa claridade, da lua e do céu. Era um grupo dos ai'repudu, rapazinhos adolescentes. Viviam em grupo (...). Eles estavam brincando no pu, um tipo de lago, represa (...) um menino ficou por último, chegou depois. Os meninos estavam assando ovo de ema, debaixo do fogo. Quando aquele menino chegou, os outros já tinham comido tudo, mas deixaram um ovo de ema para ele. Ele perguntou para todo mundo: "O que vocês estão assando?". "Ah, nós estamos assando ovo de ema." "E como vocês estão quebrando?" "É assim que nós estamos quebrando, é com nosso peito, tem que quebrar no peito." "É verdade?" "É verdade" (...) Ele acreditou, pegou o ovo e deitou em cima. Quebrou com o peito. Quando ele quebrou, pegou no rosto, gritou: "Asururu" Quer dizer: ai!ai! de dor. Levantava, caía, levantava, ele foi rolando, rolando, até cair na represa. Ele caiu(...) Ele foi rolando, rolando, dentro do lago, no fundo da água (...) Ele virou a lua(...).

O segundo que vai surgir é o sol. No dia seguinte, o grupo dos ai'repudu começou a brincar de novo no lago (...). Então todos saíram, um deles ficou sentado no brejo, cheio de palmeira de buriti. Ele chegou e perguntou do que eles estavam brincando. "Nós estávamos brincando de subir nesse pé de buriti, nouiwede." "É verdade?" "Verdade." (...) A árvore era muito grande, não dava para subir. Ele abriu o braço todo, não dava para agarrar o tronco. Tinha que fazer força. Ele pulava para subir, e subia e caía. Quando o menino ia subindo, todos os meninos cantaram: "aiwede za putu, aiwede za putu", para inchar o pé de buriti. Quando eles cantavam, o buriti ia aumentando de largura, então ele não conseguia (...) O buriti ouvia (...) Ficava mais difícil para o menino subir (...) De repente, tanta força que ele fez para subir (...) Aquele vermelho, raio e luz. O menino virou o sol, bödö.

Fonte: Os senhores da criação do mundo xavante. Romhõsiwa. Fundamentos primeiros para uma antropologia espiritual. SHAKER, Arthur.SãoPaulo.2012,p.55,56.

Anexo 4

Mito de criação do mundo da tribo “Ibati” por Lavínia Leberecht Bauer

A tribo Ibaiti vivia onde se localiza o município de Vitória no Espírito Santo. A tribo por ser mais avançada do que outras da região, já possuía uma escrita própria, então quando foi extinta em 1551, por perder uma batalha para os portugueses, deixou para trás um pedaço de pedra escrito com o mito de criação da tribo, que depois foi decifrado e lido pelos portugueses.

Antes de tudo ser criado, o Deus Quirim vivia junto de sua esposa Hairor num completo vazio, onde não havia luz e nem onde pisar só havia escuridão, mas um dia Hairor descobriu que estava grávida, então ela e Quirim decidiram criar um lugar para o filho deles morar, já que não queriam que seu novo filho morasse na escuridão, como eles.

No dia do nascimento do filho do casal foi quando eles começaram a criar um novo lugar para morar. Tudo começou com o Deus Quirim criando um lugar onde só havia água, mas se só houvesse água não teriam onde pisar. Então Hairor criou as terras e as montanhas e as rochas para então terem onde pisar. Depois disso Hairor e Quirim pensaram muito no que iam criar. Em seguida, e juntos, os dois criaram as árvores, a grama e as plantas, mas depois de criarem tudo isso os dois ficaram muito cansados e decidiram continuar a criação mais tarde.

Depois de descansar bastante Hairor e Quirim decidiram continuar a criar uma moradia para o seu filho. Eles já haviam criado a água, a terra e as plantas, mas os dois sentiam que ainda faltava alguma coisa, que não sabiam o que era, porém depois de um tempo perceberam que ainda não havia vida naquele lugar e para lhes fazer companhia passaram muito tempo criando todos os tipos de animais aquáticos, terrestres e até alguns que voavam para o lugar que estavam criando ficar repleto de todo o tipo de vida maravilhosa que podia existir.

Após criar tudo isso Hairor achou o lugar perfeito, mas Quirim não, pois apesar de criar a água, a terra, as árvores, ainda achava que aquele lugar era muito escuro e do que adiantava ter criado todas aquelas coisas se continuaram morando no escuro? Quirim pensou por muito tempo em como ele poderia solucionar aquele problema, mas parecia que não adiantava, que quanto mais ele pensava, mais longe da solução ele estava.

Quirim pensou muito e chegou em uma conclusão, mas para solucionar o problema teria que sacrificar e não sabia como contar isso para Hairor. Até que em um dia Quirim criou coragem e contou para Hairor o que pretendia fazer. Hairor, apesar de não querer perder seu marido, concordou com o plano de Quirim, então Quirim foi até a montanha mais alta, olhou para o céu e se transformou no sol para então iluminar o dia.

Mas Hairor sentia muita falta de Quirim. Ela esperou, mas não aguentou de saudade e foi na mesma montanha mais alta e se transformou na lua, depois de ter feito isso Hairor percebeu que não adiantou nada, já que Quirim iluminava o dia como o sol e ela a noite como a lua, da terra. Tairu, o filho deles, percebeu o sofrimento dos pais, e por já estar crescido, criou o eclipse para os dois se encontrarem.

Anexo 5

Mito do fogo e das trevas por Stéfany Guimarães da Silva

Na tribo Ingá foram criados os deuses do fogo e das trevas (o mais perigoso e o mais poderoso).

Primeiro vou contar sobre o Deus do Fogo. Era um menino que gostava muito de ver as estrelas a noite e o Deus da Estrela adorava isso pois ele adorava que ficassem olhando suas criações. Mas uma noite ele viu uma coisa estranha no céu. Então, ele pegou um pedaço pequeno de bambu, um pedaço de vidro, encaixou no bambu para ver o que tinha no céu, então ele viu uma coisa brilhante no céu. Ele decidiu construir que ia construir uma coisa para ir lá onde estava aquela coisa brilhante no céu. Ele ficou tão obcecado que parou de comer e dormir. O Deus da Estrela vendo isso ficou um pouco triste porque o menino havia parado até de contemplar as estrelas. Depois de uma semana sem comer e sem dormir, ele adoeceu, pois, estava fraco e frágil. Ele pegou uma doença muito grave chamada pelos índios de Piraquê. Essa doença faz com que você não consiga mexer as pernas, pois o vírus começa a se manifestar nas pernas e começa a se espalhar pelo corpo. Infelizmente não tinha cura para essa doença e ele faleceu. O Deus da Estrela com dó do menino porque ele queria muito ver a coisa brilhante do céu, então o transformou em uma luz que queimava se tocassem nela.

Agora vou contar sobre o Deus do Trovão. Ele era um menino muito mau. Ele tinha dois irmãos que o odiavam devido as maldades que ele havia feito com eles. Então, um dia, os irmãos decidiram que iriam dar o troco. Eles decidiram colocar alguns bichos na comida do irmão malvado. Só que os irmãos não sabiam que esses bichos eram um pouco venenosos. O menino adoeceu, mas não foi tão grave e ele se recuperou rápido e quando ele descobriu o que os seus irmãos haviam feito, ele ficou muito bravo.

O menino mau decidiu que iria fazer a maior maldade de todas que ele já fez. Ele pegou muita pedra pontuda, cavou um buraco, colocou as pedras viradas com as pontas mais perigosas para cima. Camuflou o buraco e atraiu os irmãos para este local, e daí seus irmãos acabaram caindo no buraco. Por pouco eles não morreram, mas o menino mau tinha um ponto fraco: ele não sabia nadar. Então, os irmãos tiveram a ideia de jogá-lo no rio que havia perto da casa deles. Assim foi feito. Enquanto ele estava se afogando, os irmãos estavam rindo. Depois de alguns segundos, ele afundou. Um dos irmãos, pulou

no rio, mas não conseguiu salvá-lo. O menino acabou morrendo afogado. Então os irmãos esconderam o seu corpo e voltaram para a tribo. Eles falaram com todos na tribo que o menino havia fugido. O menino que morreu tinha tanto ódio no coração que acabou virando o Deus das Trevas, criando o mal por onde o espírito dele passava. Por isso falam que tem que respeitar e amar os seus irmãos.